

## **Plano e Orçamento Açores 2021 | Intervenção final | António Lima**

Na intervenção de abertura deste debate, o Bloco de Esquerda assinalou a semelhança das políticas deste governo e do anterior.

Mas nestes dias de debate registámos outras semelhanças, agora na prática política.

O PSD como partido líder desta nova maioria e do governo consegue hoje estar contra propostas do Bloco de Esquerda que são na integra propostas do PSD que em 2019 tinham sido chumbadas pela anterior maioria e ainda outras que, juntamente com os seus parceiros, votaram a favor no passado.

Afinal, o que mudou?

Não foi o Bloco, pois continuamos a defender o mesmo. A direita, anteriormente na oposição, detém agora o poder. Mas isso não devia ser motivo para mudar de posição sobre os problemas.

Dizer uma coisa na oposição e outra no governo corrói a credibilidade da política e descredibiliza a participação cívica, o voto e a própria democracia.

No passado o PSD acusava o PS de votar contra as suas propostas só porque eram do PSD.

Hoje o PSD, bom aluno do PS, aplica o ensinamento, mas com requinte: vota contra as suas próprias propostas, quando é outro partido que as propõe, no caso o Bloco de Esquerda.

É verdadeiramente notável tanta e tão rápida apropriação de práticas pouco compatíveis com a humildade e capacidade dialogante, apregoada de forma constante pelo presidente do Governo.

Mas vamos à substância dos documentos que estiveram em debate.

Os documentos mostram e o debate comprovou que a direita que tanto fala de economia, afinal, não tem qualquer projeto económico diferente daquele que tem vigorado.

Este modelo colocou 1/3 da população em risco de pobreza; Manda os jovens mais preparados para fora da região; E é aqui, nos Açores, onde a distribuição da riqueza produzida é a mais desigual do país.

A defesa que deve ser feita dos sectores tradicionais e do turismo, assim como da sua evolução, tem de ser acompanhada pela introdução de novos sectores que inovem, que tragam maior valor ao que é produzido.

Isso só é possível com uma economia do conhecimento.

O turismo - grande panaceia do anterior e do atual governo - não altera o baixo perfil da nossa economia. É um sector que tradicionalmente paga baixos salários e usa e abusa da precariedade laboral.

Não estamos contra o turismo. Mas não nos enganamos sobre os seus efeitos. A Região Autónoma da Madeira tem um sector turístico desenvolvido. Apesar disso, o risco de pobreza na Madeira aproxima-se dos 30% e é quase idêntico ao dos Açores.

---

Estas políticas económicas condenam os Açores a um futuro com os atrasos do passado: séculos de pobreza, desigualdade e exploração.

De igual modo não podemos acompanhar a mistificação que envolve os projetos de carácter científico que utilizam a nossa posição geográfica sem contrapartidas reais para o desenvolvimento da Região. É uma outra forma de exploração.

Ao contrário da anterior e atuais maiorias, o Bloco de Esquerda continuará o combate para que os Açores tenham capacidade e os instrumentos necessários para se tornarem uma potência no estudo da biodiversidade, da sua preservação e do desenvolvimento sustentável do seu potencial tecnológico, principalmente no mar.

Na educação assistimos a uma diminuição de recursos, que é tanto mais grave quando atravessamos um período de grande perturbação na escola.

Por toda a Europa e mesmo a nível nacional mobilizam-se recursos financeiros e humanos para obviar aos prejuízos nas aprendizagens e desenvolvimento provocados pela pandemia.

Nos Açores não se conhecem políticas nesse sentido e reduzem-se os meios disponíveis.

Como é óbvio não podemos acompanhar estas práticas nem a condenação de centenas de professores a uma perpétua precariedade.

Na saúde apesar das muitas promessas e frases sonantes estes documentos provam que a suborçamentação vai continuar e que o governo e a maioria ao rejeitarem as propostas do Bloco de Esquerda para as carreiras dos profissionais de saúde tornam patente que não querem pôr preto no branco as suas reais intenções.

Como já referi anteriormente, a falta de investimento está demonstrada num simples exemplo:

Diz o governo: “O material clínico dos hospitais e unidades de saúde é, na generalidade, obsoleto”.

A frase é forte. Mas a força das palavras apenas significa mais 200 mil euros do que no ano anterior, num total de 1,8ME de investimento nesta rubrica.

Entradas de leão, saídas de sendeiro, é o que se tem visto nestas propostas.

Mas ainda mais preocupados ficamos quando o governo não assume a responsabilidade das suas palavras, apontando o dedo aos seus subordinados quando se lhe pedem explicações sobre informações contraditórias, como fez o titular da pasta da saúde num assunto tão sensível como a capacidade de internamento do HDES.

No ambiente, tal como fez o governo anterior, o plano de ordenamento do turismo é mandado para um dia, talvez de neveiro.

Isso para que o governo possa continuar a promover a construção de autênticos atentados ambientais e contra a paisagem, como são os mamarrachos que se projetam para a costa norte da ilha de Miguel.

Este é ainda um governo que perante o ataque ambiental que constitui a construção da incineradora de S. Miguel se remete ao silêncio.

---

Escuda-se na independência das autarquias para esconder a sua cumplicidade com o projeto com a companhia do Partido Socialista.

O Bloco não fica ao lado da concretização destes verdadeiros atentados contra o ambiente e contra o nosso futuro coletivo. Antes combate-os frontalmente!

Noutra área, assistimos a dirigentes dos partidos da coligação defenderem que se deve aumentar o complemento regional ao salário mínimo ou a um partido que apoia o governo dizer que o horário de trabalho do privado deveria ser de 35 horas.

Ficam bem estas boas intenções nas manchetes do jornal. Intenções que disso não passam: não há propostas, apenas pose para a fotografia.

Após anos a criticar o abuso dos programas ocupacionais, não era possível à coligação ficar sem nada fazer.

Apresenta agora, como alteração ao orçamento, uma proposta que como no passado deixa ao critério discricionário do governo a decisão de quem integrar nos quadros.

O Bloco propõe transparência neste processo, com comissões paritárias de trabalhadores e dirigentes. Mas com este governo e como no passado, a democracia e o diálogo ficam à porta.

Também nesta área as propostas do Bloco de Esquerda que defendem a democracia nas relações laborais e tornam transparentes os processos são chumbadas.

Nos apoios sociais, embora se mostre alguma evolução no debate, no que refere às pensões fica-se aquém do necessário. No apoio às crianças e jovens é ridículo o aumento.

O argumento é que não há capacidade financeira, mas ao mesmo tempo este governo e esta maioria apresentam uma redução de impostos para os mais ricos e para as empresas que têm lucros.

Como é óbvio não podemos acompanhar esta medida.

Apresenta ainda o governo um corte de verbas em áreas tão cruciais como a ciência e a cultura.

Não basta dizer, como ouvimos durante o debate, que se for preciso faz-se a seu tempo alguma transferência de verbas entre rúbricas. Não estamos propriamente a gerir uma fábrica.

Esta é a prova da total falta de estratégia para estes dois sectores de importância vital para o futuro da região.

Tratar a ciência e a cultura como adornos na lapela é um crime contra a região que penhora o nosso futuro.

Neste orçamento só vemos caminho para o passado. Um passado do qual o Bloco de Esquerda luta para tirar os Açores.

Como é por demais evidente, não acompanhamos o caminho deste governo nem deste orçamento.

---